



DESAFIOS DA MODELAGEM NA RECRIAÇÃO DE TRAJES HISTÓRICOS

Challenges of pattern making in the recreation of historical garments

Italiano, Isabel C.; Doutora; Universidade de São Paulo, isabel.italiano@usp.br¹

Viana, Fausto; Livre-docente; Universidade de São Paulo, fausto.viana@usp.br²

Resumo: Um traje é um documento complexo: pode ajudar a resgatar memórias, identidade de grupos sociais, técnicas de construção, materiais empregados, contextos históricos, sociais e políticos e outras informações. Este trabalho apresenta algumas das dificuldades que temos atravessado em nossos percursos de pesquisa para a recriação de alguns destes trajes, com finalidade cênica e artística. Discutimos as fontes para o estudo destes trajes e da trajetória da indumentária e de suas funções, e do entendimento de sua modelagem e construção e acabamento.

Palavras chave: Modelagem; Traje de cena; Reconstruções

Abstract: A costume is a complex document: it can help to redeem memories, the identity of social groups, construction techniques, materials employed, historical, social and political contexts and other information. This work presents some of the difficulties that we have been going through in our research for recreation of some of these costumes, with scenic and artistic purposes. We discuss the sources for the study of these costumes and the trajectory of clothing and its functions, and the understanding of its pattern making, building and details.

Keywords: Pattern Making; Costumes; Reconstructions.

¹Professora da Universidade de São Paulo, pesquisadora nas áreas de modelagem e alfaiataria histórica e contemporânea, têxteis eletrônicos e computadores vestíveis. Coautora dos livros *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX* e *Para meninos, meninas e suas bonecas: moldes e moda para crianças no Brasil do século XIX*.

² Professor livre-docente da Universidade de São Paulo. Mestre em moda e artes. Doutor em artes cênicas (ECA-USP), e em museologia (ULHT-Portugal). Autor do livro *O figurino teatral e as renovações do século XX*, *Dos cadernos de Sophia Jobim, Traje de cena como documento* e *Os trajes da Igreja Católica-um breve manual de conservação têxtil*, dentre outros.



Introdução

Um traje não é apenas um objeto material. Nos mais diferentes contextos culturais mundiais, ao traje se agregam valores que são imateriais e invisíveis, e que podem alterar o traje de maneira significativa. De fato, um traje pode e deve ser visto como um documento. Para a arquivística, um documento é “toda informação registrada em um suporte material, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo, prova e pesquisa, pois comprovam fatos, fenômenos, formas de vida e pensamentos do homem numa determinada época ou lugar” (BRASIL, 1995, p. 11). Como fonte de estudo possibilita o resgate da memória, da cultura e da história do individual e do coletivo. O traje é elemento constante da vida das pessoas, do cotidiano a momentos cerimoniais. Por ser ilustrativo do comportamento humano, pode nos trazer informações tanto de aspectos históricos, antropológicos e sociais. São demarcadores das etapas da vida, com funções simbólicas representativas da infância, juventude, casamento, velhice e morte, entre outros.

No Brasil, nossos acervos ainda são restritos, e a fragilidade dos trajes históricos existentes nestas coleções justifica plenamente seu estudo e registro, para que futuras gerações possam conhecer suas raízes. Em breve, por sua fragilidade, estes materiais não poderão ser manipulados. Viana (apud ITALIANO, 2015, p.47-48), apresenta uma discussão sobre o uso do termo “reconstrução” de trajes históricos, concluindo que, para o tipo de trabalho que os autores vêm desenvolvendo ao longo dos últimos anos, o termo “*recriação histórica* parece bem adequado porque usamos técnicas de construção que surgem da investigação de trajes do período, mas eles serão feitos com material contemporâneo”.

Este trabalho explora os caminhos da pesquisa de trajes históricos, partindo do universo de fontes disponíveis para este estudo, estabelecendo seus limites e as dificuldades que, normalmente, encontramos durante as pesquisas de trajes



históricos. Vale destacar que os aspectos sobre pesquisas, apresentado no presente trabalho, visam sempre a modelagem e recriação dos trajes históricos. Apresentamos nesta oportunidade os principais desafios desta área de pesquisa.

Os caminhos da pesquisa: as fontes e suas limitações

Diversas são as fontes disponíveis para o estudo dos trajes e cada tipo de fonte traz consigo vantagens e limitações. O pesquisador deve considerá-las, sempre, com um olhar crítico, identificando quais são suas fragilidades e o que elas têm efetivamente para oferecer. A prática da pesquisa e a coleta de informações abrangentes sobre os diversos aspectos dos trajes históricos nos oferecem pistas sobre quando e como confiar nestas fontes.

As fontes para o estudo de trajes, visando sua modelagem e recriação histórica devem abranger preferencialmente iconografia internacional e nacional, nas suas diversas expressões: documentos escritos no período da utilização do traje em estudo, objetos museológicos, principalmente os trajes existentes em acervos de museus, além das pesquisas publicadas por autores de boa reputação. Uma visão geral destas fontes é apresentada na Figura 1.

Figura 1: Visão geral sobre fontes de informação, para pesquisa de trajes históricos.



Fonte: Isabel C. Italiano, 2018.



Inúmeras são possibilidades em pesquisa de iconografia: pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, iluminuras, tapeçarias, chapas sepulcrais e vitrais são algumas, dentre as que os autores têm utilizado em seus trabalhos. Fontes riquíssimas sobre os trajes, estas fontes apresentam vantagens e limites.

Um aspecto, porém, permeia estas fontes: são obras de arte ou documentos e, portanto, criadas a partir do olhar, da percepção ou da imaginação do artista, artesão ou escritor. Com isso, é importante cuidado ao se analisar um traje a partir da iconografia. A comparação com outras fontes iconográficas, além de outros tipos de informação é bastante importante, já que os trajes representados podem não ser registros fiéis dos trajes originais.

As representações em forma de retratos trazem registro detalhado, que permitem visualizar cores, texturas e a composição da roupa com os acessórios. Neste tipo de representação, a visão parcial do corpo (geralmente, a visão frontal superior) dificulta a visualização das formas e volumes. Já outros tipos de pinturas podem trazer imagens de corpo inteiro (em visões laterais e traseiras) e de grupos que ampliam a percepção das formas e volumes, bem como das características das vestimentas das diversas pessoas representadas, permitindo uma visão do coletivo e, também, das características individuais. Um exemplo é a obra mostrada na Figura 2, uma obra de Félix-Émile Taunay, que retrata uma cena do Rio de Janeiro de 1823. No detalhe de uma parte desta pintura, pode-se ver um conjunto de homens em seus típicos trajes da primeira metade do século XIX, a saber: sobrecasacas, fraques e casacas. Sempre acompanhados de cartolas, em coloração sóbria, uma personagem se destaca, pelas cores claras de sua vestimenta e estilo sofisticado e elegante. Um militar (vê-se detalhes de sua indumentária), aparentemente, o observa. A riqueza de detalhes nos permite diversas conjecturas acerca das



vestimentas, cujo detalhamento e análise só poderão ser feitos a partir da comparação com outras iconografias e documentos.

Desenhos e gravuras - dentre eles, os importantes *Fashion Plates* - são também riquíssima fonte de informação para o estudo do vestuário. Registros feitos no século XIX são abundantes, principalmente, na Europa. Vale destacar um conjunto de oito *fashion plates*, elaborados no século 18, em 1729, intitulado *Recueil des Differentes Modes du Temps*, aparentemente, para fazer propaganda de uma modista chamada Chéreau em Paris que pode ser visto no site da Bibliothèque Nationale de France³.

Figura 2: Detalhe de uma pintura, representando uma cena, possivelmente no Rio de Janeiro do século XIX. Félix-Émile Taunay, Rua Direita, Rio de Janeiro (atribuído), 1823.



Fonte: Brasiliana Iconográfica⁴.

Em relação às fotografias, registros que surgem em meados do século XIX, é importante lembrar que muitas delas eram feitas em estúdios e que, apesar de apresentarem ótima visão detalhada dos trajes (ainda que a maior parte dos retratos

³ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b525071239.item>. Acesso em: 16 jul.2018.

⁴ Disponível em: <http://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19942/rua-direita-rio-de-janeiro-atribuido>. Acesso em: 15 jul.2018.



e *cartes de visite* mostrem apenas visões parciais da indumentária), era comum que o fotógrafo oferecesse trajes (ou até mesmo fantasias!) de sua propriedade. Assim, nem sempre o que está representado era de fato a indumentária do período ou da pessoa retratada. No Brasil, existe um amplo conjunto de fotos de estúdio. Um exemplo é a fotografia mostrada na Figura 3, onde uma mulher (será a mãe dos distintos garotos?), uma jovem e dois meninos estão representados. O fotógrafo é Virgílio Calegari, italiano que veio para o Brasil no final do século XIX. Percebe-se que os meninos estão ricamente vestidos com fantasias.

Figura 3: Fotografia de estúdio. Fotógrafo: Virgílio Calegari, Porto Alegre, início do século XX.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim Felizardo.

Outras fontes de informação iconográfica importantes, são as esculturas, as iluminuras, as tapeçarias, as chapas sepulcrais e os vitrais. Ainda que apresentem limitações para o estudo do vestuário, , podem ser consideradas fontes importantes, dada a escassez de possibilidades de pesquisa para a indumentária de períodos



anteriores ao século XVI. Lopes (2017) apresenta um estudo comparativo destas fontes, ao desenvolver uma pesquisa⁵ sobre trajes da Idade Média.

Além da iconografia, os documentos escritos no período, contemporâneos dos trajes pesquisados, são, também, vasta fonte de informação. Livros e periódicos que tratavam ou incluíam o vestuário como tema são importantes e permitem identificar detalhes da indumentária. Um antigo registro, específico para ilustrar trajes do século XVI é o *Recueil de la diversité des habits*, que traz uma “coleção da diversidade de roupas, que agora estão em uso, tanto nos países da Europa, Ásia, África e do estado selvagem”. Nele, François Desprez, o autor, traz desenhos e descrições dos trajes correntes, usados no período próximo à sua publicação (1567), em diversas regiões mas que deve ser analisado com cuidado, pois como o autor não revela se esteve mesmo nos países citados ou não, quando e como foi feita a documentação. Neste caso, pode-se estar lidando com exemplos de aculturação: um “africano autêntico” que estava no país do autor e o inspirou a incluir o desenho, mas que pode ter detalhes da imaginação do autor ou da incorporação de trajes do país local. Esse hábito persiste fortemente até o final do século XIX, em Planchet, Racinet e Hottenroth, talvez entre os mais conhecidos autores que publicaram obras de caráter enciclopédico sobre trajes do mundo – e não consta que eles tenham saído de seus países de origem para fazer pesquisas na Oceania, como querem sugerir em suas publicações. Outro exemplo é a *Galerie des modes et costumes français*, obra em quatro volumes, publicados de 1778 a 1785, ricamente ilustrados, mostrando penteados e vestuário do período. Por se tratar de obra específica sobre o vestuário, os detalhes são muitos, permitindo obter informações importantes para a modelagem e recriação histórica dos trajes similares aos apresentados.

Os periódicos, principalmente aqueles dirigidos para as senhoras, são também ricas fontes para o estudo dos trajes. O *Mercurie Galant*, que começa a ser

⁵ Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-03112017-155231/pt-br.php>. Acesso em 16 jul.2018.



publicado em 1662, traz debates correntes, música e artes; discute as extravagâncias da moda sob o reinado de Luís XIV, além de trazer as últimas fofocas. Estes periódicos vão ficando mais comuns ao longo do século XVIII (como o *Journal des Dames et des Modes*, de Paris, surgido em 1797). Alguns são publicados no Brasil a partir do século XIX. Para pesquisas de trajes no Brasil do século XIX e início do XX, a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional traz um amplo conjunto destes periódicos, muitos com diversas edições digitalizadas e disponíveis. Outro exemplo importante é o *Almanach das Senhoras*, editado em Lisboa e vendido no Império, que permitia que as senhoras no Brasil seguissem a moda europeia.

A Figura 4 mostra imagens de algumas das publicações mencionadas aqui. Em (a) um traje do *Recueil de la diversité*, 1567, mostrando um traje de noiva da França; em (b), uma das ilustrações do livro *Galerie des modes et costumes français*, 1778-1785; em (c), um traje de inverno, publicado na edição de outubro de 1678, do periódico *Mercure Galant*, de Paris e em (d), uma gravura publicada no *Jornal das Senhoras*, edição de 12 de setembro de 1852, Rio de Janeiro. A linguagem rebuscada do período destas publicações pode dificultar o acesso e pesquisa nestas fontes internacionais. Além disso, nem sempre são oferecidas informações técnicas sobre o traje, ainda que, no geral, sejam de grande auxílio para validar o que, de fato, era usado no período.

As publicações mais técnicas como manuais de corte, de modelagem e de costura trazem informações mais relevantes no que se refere aos aspectos técnicos de modelagem e construção das peças. O primeiro livro sobre modelagem e corte de indumentária é o já conhecido manual de Juan de Alcega, *Libro de Geometria, practica y traça* publicado na Espanha em 1580 (ACELGA, 1580). Nele, são apresentados moldes e, principalmente, seu encaixe considerando as diversas variações de largura de tecidos. Este manual já apresenta informações sobre proporções e medidas.



Figura 4: Exemplos de gravuras de publicações que apresentam informações sobre indumentária nos séculos XVIII e XIX.



Fontes: (a) Bibliothèque Nationale de France⁶, (b) Bibliothèque Nationale de France⁷, (c) Bibliothèque Nationale de France⁸ e (d) Biblioteca Nacional⁹

Le Tailleur Sincère, escrito por Boullay, é um manual técnico que contém informações sobre os moldes, corte e montagem das principais peças desenvolvidas por alfaiates em Paris, é um excelente documento sobre modelagem e construção, nos abrindo um panorama sobre aspectos do vestuário do século XVII, na França (editado em Paris, 1671). Na mesma linha, outros manuais foram desenvolvidos como, por exemplo, *Arts de L'Habillement*, publicado em 1769 como parte da extensa *L'Encyclopédie*, Diderot e D'Alembert e o manual *The Taylor's Complete Guide*, editado em Londres, em 1799, que continha informações sobre modelagem e corte de diversos tipos de roupas. O manual *Arts de L'Habillement* traz grande conjunto de informações sobre a modelagem e a construção dos trajes do século XVIII, incluindo diagramas sobre os pontos de costura utilizados, além de moldes,

⁶ Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k102756w.item>>. Acesso em: 18 jul.2018.

⁷ Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1056746t>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

⁸ Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k115291w?rk=42918;4>>. Acesso em: 18 jul.2018.

⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700096/per700096_1852_00037.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.



esquemas de montagem e informações adicionais sobre os diversos ofícios ligados ao vestuário.

Estes documentos, fontes de ricas informações técnicas, apresentam as mesmas dificuldades já citadas em relação à linguagem. Ainda assim, devido à grande quantidade de informações é possível entender o texto e as técnicas de modelagem e costura apresentadas. Existem outras publicações do mesmo tipo, e manuais de modelagem e costura continuam sua trajetória até os dias atuais.

Nenhum estudo para a modelagem e recriação histórica de trajes, porém, estaria completo se deixasse de considerar como fonte, os objetos museológicos, ou seja, os trajes originais, existentes nos acervos dos museus, coleções particulares e privadas. Os trajes originais, como objeto de pesquisa, trazem importantes informações, principalmente sobre sua modelagem e modo de confecção. Uma análise detalhada dos acabamentos, aviamentos e outros recursos construtivos permitem entender o modo de confecção de uma época e de um determinado local.

O estudo de trajes originais, porém, traz três aspectos limitantes. O primeiro está relacionado à sua própria existência. Na Europa, diversos museus têm acervo de trajes do século XVII e XVIII. Poucos são os exemplares do século XVI. No Brasil, em alguns museus é possível encontrar exemplares de trajes a partir do século XIX, ainda que algumas instituições anunciem a existência de trajes anteriores. Os trajes nem sempre estão disponíveis para estudos. Em muitos casos, sua fragilidade impede o manuseio de modo que não é possível um estudo presencial. Deve-se contar com documentações e registros já feitos anteriormente. Além disso, nem sempre a política de acesso estabelecida pelos museus facilita o acesso de pesquisadores. Desta forma, o quanto antes os trajes disponíveis forem documentados, melhor, já que em algum momento futuro não mais estarão disponíveis para análise.

Cuidados no manuseio de trajes históricos devem ser tomados pelos pesquisadores. Em geral, os museus já estabelecem as regras e a manipulação dos



trajes, principalmente os mais frágeis, é feita apenas pelos museólogos da instituição. Ainda assim, é possível fotografar e medir os trajes, o registro das curvas e os detalhes da confecção. Durante as pesquisas sobre trajes históricos, os autores deste trabalho realizaram muitas visitas e estudos de trajes em acervos de museus brasileiros e de outros países. Um detalhe interessante sobre o Museu Victoria and Albert, em Londres, é a política bem estabelecida para que pesquisadores possam ter acesso aos trajes originais. Formulários e documentos determinam claramente os procedimentos e o tempo para os estudos. Ao chegar os pesquisadores encontram os trajes sobre mesa adequada para os estudos, além de escadas (como a mostrada na Figura 5 (a)), que permite que o pesquisador registre o traje em uma visão completa. O museu disponibiliza, também, um notebook com microscópio USB digital, caso o pesquisador queira registrar um detalhe de tamanho reduzido. Em nossas visitas para estudo de trajes, temos levado nosso próprio microscópio USB e registrado imagens incríveis sobre os detalhes da confecção e dos aviamentos dos trajes. Na Figura 5 (b), uma das imagens feitas pelos autores em uma casaca do século XVIII, no Museu dos Coches, em Lisboa e em (c), as pesquisadoras Isabel Italiano e Desirée Bastos, em estudo no Museu do Traje de Lisboa, trabalhando sobre um colete do século XIX, com o apoio da conservadora de têxteis portuguesa, Dina Caetano Dimas.

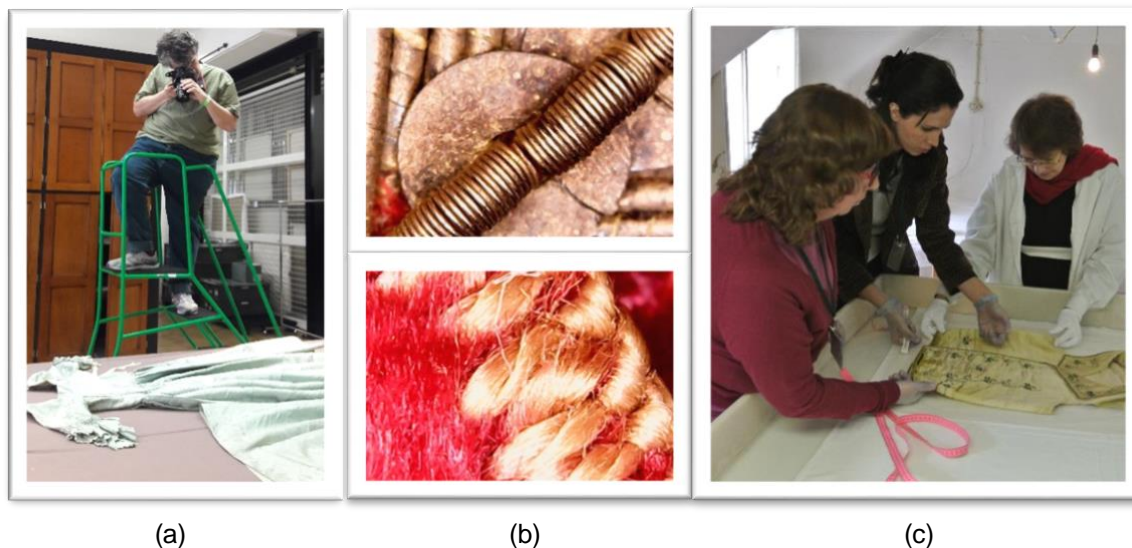
Considerações finais

Capturar o conhecimento e torná-lo acessível é o grande objetivo do nosso trabalho. A partir desse objetivo, surgem grandes desafios para produzir material sobre a modelagem e construção do vestuário usado no Brasil. As pesquisas realizadas são minuciosas e demandam cuidado e dedicação. Os trajes originais têm acesso limitado no país e alguns, muito frágeis, já não estão disponíveis. Existe a necessidade de preparar pesquisadores especializados para estas tarefas, o que temos feito com a preparação e formação de discípulos.



A formação de mão-de-obra especializada também se torna um desafio, à medida em que profissionais devem ser formados para confeccionar os trajes usando técnicas e recursos construtivos similares aos do período do traje, seja na modelagem ou nas técnicas de confecção. Estas são algumas das questões sobre as quais os autores deste trabalho têm se debruçado nos últimos anos.

Figura 5: Registros feitos nos acervos de museus, durante o estudo de trajes históricos. (a) Fausto Viana registra um vestido do século XVIII, no museu Victoria & Albert, em Londres, 2016; (b) registros feitos com uso de microscópio USB em uma casaca do século XVIII, no Museu dos Coches, em Lisboa, (c) Isabel Italiano, Desirée Bastos (pesquisadoras) e Dina Dimas (conservadora) durante estudo de traje no Museu do Traje de Lisboa, em 2014.



(a)

(b)

(c)

Fontes: Acervo de Fausto Viana e Isabel C. Italiano. (a) Foto: Isabella Lopes, 2016, (b) Foto: Fausto Viana, 2016 e (c) Foto: Fausto Viana, 2014.

Com relação às fontes utilizadas na pesquisa, é importante destacar que nenhuma delas, usada individualmente, é suficiente para nos oferecer um panorama sobre as características e a construção de trajes usados em determinado período. É apenas com a complementação de informações obtidas em diversas fontes que conseguimos compor um panorama mais completo, que possibilite a modelagem e recriação de trajes históricos.



A extroversão de resultados se configura como um importante desafio. No nosso entendimento, não valem nada – ou muito pouco - pesquisas minuciosas, que não estão disponíveis para aqueles que precisam delas, como professores, estudantes, pesquisadores, figurinistas e outros profissionais com interesse em trajes históricos.

Assim é que os autores têm se deparado com os desafios de expor os resultados das pesquisas, além de publicá-los em artigos e, principalmente, em livros, por meio de ações educativas e de difusão cultural com trajes. Em planejamento, já bem delineadas, os autores preveem parcerias com museus e outras instituições, para que os trajes históricos e suas características sejam cada vez mais amplamente divulgados.

Referências

ALCEGA, Juan de. **Libro de Geometria, practica y traça**. Madri, 1580.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Gestão de documentos**: conceitos e procedimentos básicos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

ITALIANO, I. C.; VIANA, F. R. P.; coords. BASTOS, D.; ARAÚJO, L. V. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. v. 1. 320p.

LOPES, F. F. **Indumentária europeia do final da Idade Média: aspectos estéticos, produtivos, funcionais e materiais**. Dissertação apresentada no programa de Têxtil e Moda – Universidade de São Paulo, 2017.

VIANA, F. R. P. O traje de cena como documento. **Revista Sala Preta Eletrônica**, v. 17, p. 130-150, 2017.